

A EDUCAÇÃO INCLUSIVA PRESENTE NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO REGULAR

Sintia Helena Madruga¹
Francisco José Fornari Sousa²

RESUMO

O conhecimento e a preparação dos professores de Educação Física se tornam um importante fator para a aprendizagem e inclusão social dos PNE's no ambiente escolar. Foi realizada uma pesquisa de campo quantitativo- descritiva, onde foi aplicado questionário com o objetivo de verificar qual o nível de conhecimento dos professores de Educação Física a respeito do processo de inclusão de alunos PNE's nas suas aulas. Fizeram parte 8 professores de Educação Física, da rede de ensino de São Jose do Cerrito. Constatou-se que: 37,5% esta cursando a 8º fase, e sendo que 62,5% têm especialização. Constatou se que 12,5% atua menos de um ano na área, e que entre 1 e 5 anos corresponde a 25%, e que entre 5 e 10 anos representam 37,5%, e mais de 10 anos representa 25%. todos tiveram disciplinas e possuem conhecimento na Educação Física Especial. Afirmaram ter trabalhado com PNE's 87,5% e apenas 12,5% afirmou não ter. Corresponde ao número de alunos PNE's que o professor possui em sua escola, constatou que os alunos tinham deficiências do seguinte tipo: física, mental, auditivo, visual e outras. Acreditam ter conhecimento para incluir PNE's em suas aulas 50% dos informantes sendo que 50% afirmaram não ter conhecimento suficiente. Todos afirmaram que a participação dos PNE's nas aulas de Educação Física auxilia tanto na inclusão na comunidade escolar quanto para a inclusão social. Este estudo tem objetivo alem de analisar procura auxiliar o professor para que busque conhecimento e reflexão sobre a educação inclusiva.

Palavras-chaves: Ensino regular. Professores. Inclusão. Educação Física. Aprendizagem.

¹ Acadêmica do curso de Educação Física do Centro Universitário FACVEST.

² Prof. Da disciplina de TCC do Centro Universitário FACVEST.

ABSTRACT

Knowledge and preparation of physical education teachers become an important factor for learning and social inclusion of NAP's in the school environment. We conducted a field survey quantitative-descriptive questionnaire which was applied in order to ascertain what level of knowledge of the physical education teachers about the process of PNE's inclusion of students in their classrooms. Made part 8 Physical Education teachers, the education network in Sao Jose do Cerrito. It was found that: 37.5% is attending to 8 ° phase, and 62.5% of which have expertise. Found that 12.5% operates under one year in the field, and that between 1 and 5 years is 25%, and that between 5 and 10 years is 37.5%, and over 10 years is 25%. All disciplines and have had knowledge in Special Physical Education. Claimed to have worked with PNE's 87.5% and only 12.5% said not having. Corresponds to the number of students that the teacher's PNE has at his school, found that students had deficiencies of the following type: physical, mental, hearing, visual and other. Believe they have knowledge to include in their classes PNE's 50% of respondents and 50% reported not having enough knowledge. All stated that the participation of PNE's in physical education classes helps both the inclusion in the school community and to social inclusion. This study is aimed to analyze demand beyond help the teacher to seek knowledge and reflection on inclusive education.

Key Words: regular education. Teachers. Inclusion. Physical education. learning.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho teve como objetivo pesquisar o conhecimento do professor quanto à inclusão de PNE's no ensino regular nas aulas de educação física também teve enfoque sobre os benefícios que uma escola que desempenha um trabalho na área da inclusão pode trazer para o desenvolvimento das crianças com necessidades especiais de aprendizagem.

Para nós futuros licenciados e também para a sociedade é de extrema importância saber como se pode estar interagindo com alunos portadores de necessidades especiais trazendo a tona uma maneira de incluí-los. Para um recém-licenciado, o contato com alunos

portadores de necessidades especiais vem de maneira buscar, e neste âmbito muitos se sentem despreparados para atuar.

Espera-se que ao final desse relatório os professores consigam compreender como devemos trabalhar nas aulas de Educação Física com nossas crianças sem distinção para que futuramente as mesmas possam fazer a diferença na sociedade.

O objetivo principal desse relatório é compreender que a inclusão trás benefícios para todas as escolas e disciplinas como a Educação Física e também para a sociedade em geral a fim de buscar mais igualdade a todos. Buscar também estratégias de ensino para tentar suprir deficiências na aprendizagem desses alunos, quebrar paradigmas de que crianças portadoras de necessidades especiais não serão capazes de levar uma vida normal e por fim contribuir para a ampliação da visão de futuros colegas no que diz respeito à inclusão.

No capítulo I fez-se o registro sobre o que é educação inclusiva e o que precisa ser feito para que ela aconteça, além disso, comentário de como a disciplina de Educação Física está presente na vida das crianças. O capítulo II comenta como está a Educação Especial no ensino regular, lembrando que a pobreza tem influenciado muito a vida dessas crianças devido à falta de oportunidades, seja na escola e na sociedade. Já no III capítulo dicas de como incluir esses alunos nas aulas de Educação Física. O capítulo IV trás uma pesquisa realizada com professores da área de Educação Física, do qual o ponto de vista de vários deles que já atuam e possuem formação na área de inclusão. Vale a pena essa leitura, pois ela se torna esclarecedora.

Nunca é demais lembrar que a inclusão não se restringe a inserção de alunos com deficiências e/ou Necessidades Educacionais Especiais nas escolas regulares. Espera-se que as escolas sejam definidas para a cidadania global, livre de preconceitos, a qual se dispõe a reconhecer e a valorizar as diferenças, a incompletude, a singularidade do ser humano, ideias essenciais para se entender a inclusão.

2. EDUCAÇÃO INCLUSIVA E A DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

A Educação Física escolar está se construindo como prática pedagógica com diferentes concepções de homem, sociedade e principalmente de educação.

O desafio que se apresenta para a educação física é de que dentro de qualquer processo educacional ela possa ser percebida como um componente curricular, nem mais nem menos importante que os demais, o que busque junto com eles fazer com

que os objetivos educacionais sejam alcançados. (SANTA CATARANA, 1998, p. 153).

Conforme a idéia de Mittler (2003) Pode-se perceber que as séries iniciais possuem uma grande importância na aprendizagem dos alunos, dessa forma todas as disciplinas irão fazer a diferença na vida de cada um. O trabalho precisa ser desenvolvido com o objetivo de aumentar a autoestima além da superação das dificuldades.

A disciplina de Educação Física não é diferente disso, a escola e a família precisam se adaptar aos alunos que possuam ou não algum tipo de deficiência a autora ressalta que: “Uma vez feito o diagnostico, os pais devem proporcionar acompanhamento e ser menos exigente em relação ao desempenho escolar, mostrando compreensão em relação às dificuldades das crianças.” (LUCA, 2008, p.46).

É preciso integrar os alunos no ensino regular, mas antes que venha acontecer isso é preciso estar preparado. A adaptação da escola, porém não se encontra preparada para as mudanças que venham a ocorrer, a cada tempo que se passa aumenta mais a diversidade de alunos presentes nas escolas.

A integração significa tornar as escolas regulares em escolas especiais através da transposição das melhores práticas, dos melhores professores e dos melhores equipamentos das escolas especiais para o sistema regular de ensino mesmo quando eles parecem não ser necessários. (MITTLER, 2003, p. 34).

É preciso entender que com a inclusão deverá ocorrer uma reforma radical nas escolas do ensino regular, como o currículo, avaliação, pedagogia, e formas de se trabalhar em sala de aula. A inclusão precisa valorizar cada um de forma que os alunos venham a se sentir bem e onde a diversidade realmente aconteça.

Por educação inclusiva se entende não só o processo de inclusão dos portadores de necessidades especiais ou de distúrbios de aprendizagem na rede comum de ensino em todos os seus graus, mas fundamentalmente de todas as diferenças, pois hoje e fato que cada ser humano é uno, e as oportunidades devem ser iguais para todos [...] (SOLER, 2009, p.53).

Segundo Mittler (2003) os professores precisam ser preparados para trabalhar com alunos com necessidades especiais, tendo formação inicial em educação e desenvolvimento profissional. Os diretores e a comunidade precisam dar mais apoio e auxílio para os professores; além de tudo isso a educação inclusiva, pode ser vista como uma expressão de luta para atingir os direitos humanos.

3. A EDUCAÇÃO ESPECIAL NO ENSINO REGULAR

Com base na educação especial pode-se perceber também a exclusão social da qual

ocorre muitas vezes antes mesmo do bebê nascer. Essa possui um vínculo com a pobreza, moradia inadequada, doenças crônicas e até mesmo o desemprego.

A primeira infância deve ser concebida não apenas como um período em que as crianças necessitam individualmente de certas condições no âmbito da saúde, da educação e do bem estar, mas como um período protegido que deve receber o melhor que a sociedade é capaz de oferecer. Este é um período especial, em que as crianças devem ter experiência felicidade e bem estar, em que elas podem desenvolver-se autonomamente, mas em relação às necessidades e aos direitos das outras crianças e dos adultos. Em que lhes é permitido ter suas experiências educacionais, culturais e sociais no seu próprio passo na sociedade em que vivem. (MILTLER, 2003, p. 57).

Muitas ainda enfrentam obstáculos por possuírem seu gênero, raça, religião ou até mesmo deficiências. Essas crianças passam para a vida adulta nessas condições de pobreza, dessa forma há famílias que se preocupam e cuidam, porém são poucos que fazem isso. A sociedade precisa romper a força da pobreza e ajudar que elas possuam seu próprio desenvolvimento na vida (Mittler, 2003).

3.1. O baixo rendimento escolar e a influência da pobreza

Segundo Mittler (2003) Encontram-se nas escolas do ensino regular diversas crianças que são menos beneficiadas como, por exemplo, na escolarização, enquanto muitas que veem de famílias que possuem melhores recursos acabam sendo mais bem adaptadas. Quando os professores se deparam com essas situações terão de trabalhar mais ajudando a segurar um lápis, virar as pagina de um livro e até mesmo na socialização com os demais alunos.

Até pouco tempo o vínculo entre pobreza e baixo rendimento escolar era praticamente um assunto tabu em educação ou descartado pelos ministros por ser “teorias bombas”. Se as performances educacionais estão muito baixas ou se estão caindo, a falta tem que recair sobre as escolas. De certa forma as crianças que também vivem em uma situação de pobreza e desvantagem social tem sucesso na luta contra a adversidade que enfrentam tanto na escola como na sociedade. (MITTLER, 2003, p. 81).

Com tantos questionamentos é preciso pensar o que os torna diferentes. O conhecimento que as pessoas possuem acaba sendo limitado, há muito a se descobrir, porém é preciso estar aplicando o que as pessoas sabem de forma a apoiar e utilizar aquilo que possa funcionar e estar dando certo (MITTLER, 2003).

Para que todas essas dúvidas sejam de certas formas solucionadas é preciso desfazer as inúmeras barreiras que existe entre as escolas e as famílias. Os pais precisam contar com as escolas quando há problemas em casa, e as escolas precisam se preparar e tornar isso possível, mas os professores também precisam ter essa troca com as famílias quando há problemas na

escola.

Não ter nenhum dinheiro e viver abaixo da linha de pobreza oficial afeta todos os outros aspectos da vida. Isso causa imenso estresse e muitas preocupações aos pais e aqueles que cuidam das crianças, e que lhes deixa com pouco tempo para desfrutarem a convivência com as crianças e muito menos para cooperarem com as escolas na promoção da aprendizagem de seus filhos (MITTLER, 2003, p. 82).

Mittler (2003) Percebe-se ainda nos dias de hoje que muitas crianças estão vivendo em áreas pobres em desvantagens sociais, embora tenham êxito na escola e depois nas atividades profissionais um grande número de crianças acabam encontrando dificuldades durante e após a escolarização. Falando nisso ocorre muito à exclusão e a marginalização, além daqueles que fracassam para aprender ou serem motivados para as aprendizagens e que acabam deixando a escola sem ter qualquer qualificação para seguir sua vida a diante. É preciso encontrar parcerias entre os pais e a comunidade local.

Isso também tem um efeito significativo na nutrição e na saúde geral, portanto, aumenta a vulnerabilidade para enfermidades e acidentes. Viver abaixo da linha da pobreza está quase sempre ligado à moradia de baixo padrão, onde vivem muitas pessoas, o que por sua vez, torna difícil às crianças acharem um canto sossegado para estudarem (MITTLER, 2003, p. 83).

3.2. Ensino Regular seu Currículo e Avaliação

Segundo Mittler (2003) Uma escola acessível acaba proporcionando um currículo para todos os alunos, onde aconteça participação das atividades que ocorra experiências para o sucesso. Tendo em vista que esse é um fundamento essencial no processo de inclusão.

Através do currículo os conteúdos pode-se perceber que não houve o interesse das crianças e acaba que não refletindo a diversidade das comunidades e das culturas onde essas crianças estão inseridas em nossa sociedade. As escolas muitas vezes não conseguem atingir e oferecer resultados a diversas crianças.

Igualdade de oportunidade é um amplo conjunto de valores comuns e de propósitos que estão subjacentes ao currículo e ao trabalho das escolas. Eles também incluem um compromisso como nossa própria valorização, de nossa família e de outras relações, dos grupos abrangentes aos quais pertencemos da diversidade em nossa sociedade e do ambiente em que vivemos (MITTLER, 2003, p. 139).

Encontram-se escolas com nível de ensino muito alto, criando de certa forma obstáculos para a compreensão e participação a muitas delas. Outro obstáculo ainda se observa na prática de exames, na avaliação e na classificação de crianças esses métodos tradicionais são muito utilizados nos dias de hoje de forma a separar uma criança das outras (MITTLER, 2003).

Para que se possa atingir um currículo que seja de forma mais inclusivo seria preciso uma revisão fundamental do sistema de avaliação e seu impacto na vida das crianças e principalmente de sua família. Um dos primeiros passos para que ocorra a inclusão seria projetar um currículo acessível.

Ao planejar, os professores devem estabelecer expectativas altas e criar oportunidades para todos os alunos aprenderem com sucesso, incluindo meninos e meninas, alunos com necessidades educacionais especiais, alunos com deficiência, alunos de todos os níveis sociais e culturais, alunos de grupo étnicos diferentes, inclusive os viajantes, os refugiados e aqueles que procuram asilo político e também os que são oriundos de grupos linguísticos diversos (MITTLER, 2003, p.146).

4. PENSANDO A INCLUSÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO REGULAR

Um trabalho para dar certo precisa ser coletivo seja ele em qualquer área, na área de Educação Física não é diferente. Porém como se pode observar nem todos se encontram preparados pode ser citados professores, alunos das escolas regulares, aqueles que atuam na educação especial, e as próprias crianças portadoras de necessidades especiais precisam ser mais bem orientadas (SOLER, 2009).

Segundo Soler (2009) Ainda há uma falta de profissionais capacitados para lidar com a diversidade; muitos alunos ainda são excluídos, nesses casos os professores são os menos culpados. Pensando-se em uma sociedade inclusiva é preciso que todas as diferenças sejam respeitadas e valorizadas por aquilo que elas são.

Portadores de necessidades educativas especiais assim chamados depois de muito a ser denominados como, por exemplo, excepcionais, apesar de inúmeras mudanças a marginalização muito pouco tem sido diminuída.

A expressão 'necessidades educacionais especiais' pode ser utilizada para referir-se a crianças e jovens cujas necessidades decorrem de sua elevada capacidade ou de suas dificuldades para aprender. Está associada, portanto, a dificuldade de aprendizagem, não necessariamente vinculada à deficiência (s) (BRASIL, 1998, p. 23).

4.1. Como um portador de necessidades especiais precisa ser tratado

Um portador de necessidades especiais deve ser tratado como qualquer pessoa

autores como Rosadas (1989) sugere o seguinte:

- 1) Trate o portador de necessidades especiais da mesma forma como trataria qualquer pessoa, sem exageros ou discriminações;
- 2) Nunca subestime o potencial de um portador de necessidades especiais, pois enquanto você pensa nas suas limitações, ele pensa em como superá-las;
- 3) Converse com ele coisas interessantes e que não façam mal as partes;
- 4) Elogie sempre que houver um motivo real para isto. Evite elogios desnecessários;
- 5) Comunique-se sempre com ele, fazendo com que participe integralmente das atividades;
- 6) Seja natural com ele, sem demonstrar insegurança;
- 7) Cobre muito do portador de necessidades especiais, pois geralmente ele é pouco exigido das pessoas. Sempre que é cobrado ele se sente útil;
- 8) Use sempre estímulos motores da mesma forma como você usaria em uma pessoa qualquer, sem esquecer os fatores a segurança características e individuais de suas síndromes;
- 9) Devemos sempre comentar com ele os resultados que alcançou, para que possa corrigir eventuais falhas;
- 10) Um portador de necessidades especiais não pode se sentir inútil e descompromissado com as coisas que o cercam.

É preciso entender cada caso, pois uma escola que seja inclusiva é possível encontrar várias diversidades até mesmo em uma mesma sala. Exemplos de algumas deficiências, porém as mais comuns no ensino regular: deficiência auditiva, deficiência visual, deficiência física ou motora, autismo, síndromes como a de Down. Para Stainback (1990) deixa claro que: “Inclusão é uma consciência de comunidade, uma aceitação das diferenças e uma corresponsabilização para obviar as necessidades de outros”.

É preciso criar escolas que aceite todas as necessidades educacionais, pois é preciso mudar e se adaptar as diferenças e não que isso aconteça ao contrário.

Nem todo portador de deficiência necessita de recursos educacionais especializados, devendo, neste caso, estar na escola comum de ensino, desde o início da sua escolarização e que, “Neste sentido é necessário que entendamos que a questão não é uma ou outra forma de educação, e sim quando se trata da pessoa portadora de deficiência devemos referir à Educação Integradora e /ou Educação Inclusiva, desta forma, sim estaremos não segregando, não marginalizando e não excluindo a pessoa portadora de deficiência do sistema escolar vigente.” (MAZZOTTA, 1998, p. 86)

É preciso observar cada caso, as crianças precisam estar com a idade e série

compatível se isso não acontecer o risco de haver discriminação e exclusão poderá ser bem maior. Os processos de ensino aprendizagem devem considerar as características dos alunos garantindo a participação de todos, não esquecendo o seu grau de comprometimento cognitivo, sensorial ou motor (MAZZOTTA, 1998).

Segundo Soler (2009) A participação dos alunos portadores de necessidades especiais nas aulas de educação física os ajuda no desenvolvimento de suas capacidades perceptivas, afetivas, de integração, e da inclusão social, dessa forma ajudando e fornecendo a sua autonomia e principalmente a sua independência.

As aulas de Educação Física precisa ser um exercício de convivência, de forma a construir um lugar sem preconceitos e exclusões, além disso, ser uma sociedade em que não haja discriminação e com atitudes de solidariedade, respeito e com tudo isso aceitação de todos sem exclusões.

O professor de educação física deverá fazer as adequações necessárias, nas regras, nas atividades, na utilização do espaço, usando materiais para estimular, tanto no aluno portador de necessidades especiais como em todo o grupo, possibilidades que favoreçam a sua formação integral (SOLER, 2009, p. 94).

Não é possível apenas inserir um aluno portador de necessidades especiais em uma sala regular, é preciso que haja atendimento com. É preciso criar uma nova escola visando criar uma nova sociedade essa de forma a ser inclusiva em todos os sentidos (SOLER, 2009).

4.2. Educação Física uma disciplina inclusiva e o papel do professor

A disciplina de Educação Física é desafiada a criar diversas possibilidades, além de desafios motivadores faz com que os profissionais sejam criativos para construir a tão sonhada escola que seja para todos, como também respeitando o ritmo de cada um, não só os portadores de necessidade especiais, mas também os gordinhos, das meninas, dos menos hábeis, do sem coordenação como outros é preciso rever tudo isso num todo.

A educação física adaptada é uma área da educação física que tem como objetivo de estudo a motricidade humana para pessoas com necessidades educativas especiais, adequando metodologias de ensino para o atendimento as características de cada portador de deficiência, respeitando suas diferenças individuais (SOLER, 2009, p. 132).

Quando um homem primitivo há milhares de anos sentiu a necessidade de fugir, lutar, dançar, caçar além de outras como se divertir e principalmente sobreviver, então foi dessa forma que surgiu a educação física.

Os jogos e as danças eram cerimonias ricas de significação religiosa, executada pelo

respeito às tradições e cumprindo com as exigências rituais, num esforço de comunicação com os deuses.... Os movimentos de corpo exprimiam os sentimentos mais profundos e, ao mesmo tempo, constituem um meio privilegiado de apresentar às novas gerações a história da coletividade. (CRESPO, 1987, p.110).

O professor de Educação Física precisa conhecer a história de sua área, pois é preciso refletir, fazer perguntas e questionar o que estimulará cada vez mais de forma a contribuir para que aconteçam novos avanços. Soler (2009, p. 125) diz que: “Percebemos o quanto a educação física foi usada para fins de adestramento, exclusão e alienação, verificando que suas tendências e concepções pedagógicas estão comprometidas com o momento político e econômico em que elas se deram.”.

Para Soler (2009) Não era representado o mesmo peso que outras disciplinas, muito ainda se houve falar nos dias atuais que isso acontece; nos currículos aparece como uma disciplina que possui menos interesse por isso se encontra ameaçada de extinção, pois não era possível justificar a importância que possui, muito ainda é preciso ser feito para que mudanças venham a ocorrer.

4.3. Qual o verdadeiro objetivo da Educação Física na escola inclusiva do ensino regular

Segundo Freire (1999) Pode-se perceber que o grande objetivo está no desenvolvimento de atitudes e conceitos como: participação, autonomia, solidariedade dentre tantos outros. A disciplina procura desenvolver o seguinte:

- a) Conhecimento do próprio corpo;
- b) Conhecimento do meio ambiente (natural e social);
- c) Cultura específica da Educação física;
- d) Conhecimento do próprio corpo: atividades voltadas para as partes do corpo, ou para o corpo como um todo, objetivando um maior conhecimento sobre ele;
- e) Conhecimento do meio ambiente: o objetivo é notas as coisas que estão fora do próprio corpo, mas utilizando-se do corpo, pois é o corpo que faz a mediação entre o interno e o externo;
- f) Cultura específica da Educação Física: a cultura humana está baseada na cultura corporal. Existe todo um acervo de conteúdos que a Educação Física deve mediar, tais como os jogos, a ginástica, as lutas, a dança e o esporte.

É preciso que o professor possa identificar quais as necessidades e capacidades que

cada aluno possui e através dessas descobertas potencializarem sua autonomia além da independência (SOLER, 2009).

Para Mittler (2003) Suas aulas precisam ser planejadas através da observação de cada criança de forma individual. Para que as mudanças comecem a ocorrer às crianças precisam ser desafiadas e estimuladas para que dessa forma possam aprender mais até mesmo com as suas limitações.

Incluir não somente portadores de necessidades especiais, porém é preciso rever todas as diferenças que se encontram na escola; além disso, adequações metodológicas de ensino para que dessa forma possa dar atendimento a cada portador de necessidades especiais respeitando suas características e suas diferenças individuais (Soler, 2009).

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A presente pesquisa está classificada como pesquisa de campo quantitativo-descritiva. A investigação ocorreu na cidade de São Jose do Cerrito – SC. A população desta pesquisa é composta por 8 professores de educação física que atuam na rede de ensino da cidade. O instrumento de coleta de dados utilizado foi um questionário de 9 questões, com perguntas fechadas, elaboradas pela autora da pesquisa. Os dados serão apresentados na forma de tabelas.

Na questão 1, em relação ao nível de formação dos pesquisados (tabela 1), todos (n=8, 100%) são graduados ou estão cursando a faculdade de Educação Física, sendo que (n=3, 37,5%) esta cursando a 8º fase de educação física, e sendo que (n=5, 62,5%) tem especialização, o que demonstra um nível adequado de profissionais na área de educação física.

Tabela 1. Formação acadêmica.

	f	%
Cursando	3	37,5
Graduado	0	0,0
Especialização	5	62,5
Mestrado	0	0,0
Doutorado	0	0,0
Total	8	100

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora com base nos resultados obtidos.

Segundo Mittler (2003) os professores precisam ser preparados para trabalhar com

alunos com necessidades especiais, tendo formação inicial em educação e desenvolvimento profissional.

Observando a tabela 2, vê-se que (n= 1, 12,5%) atua menos de um ano na área de educação física, e que os que atuam entre 1 e 5 anos corresponde a (n= 2, 25%), e que os atuantes entre 5 e 10 anos representam (n= 3, 37,5%), e mais de 10 anos representa (n= 2, 25%) dos informantes.

Tabela 2. Há quanto tempo atua na área de Educação Física.

	f	%
Menos de um ano	1	12,5
Entre 1 e 5 anos	2	25
Entre 5 e 10	3	37,5
Mais de 10	2	25
Total	8	100

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora com base nos resultados obtidos.

Na terceira questão (tabela 3), verificamos que (n=8, 100%) dos informantes teve disciplinas específicas voltadas para Educação Física Especial ou Educação Física Adaptada. Para os PCN's (2001) A consideração das diversidades de conhecimento promove, em ultima análise, a construção de um estilo pessoal de exercer as práticas da cultura corporal propostas como conteúdos.

Tabela 3. Teve na faculdade disciplina (s) com conteúdo(s) voltado(s) para Educação Física Especial ou Educação Física Adaptada.

	f	%
Sim	8	100
Não	0	0
Total	8	100

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora com base nos resultados obtidos.

A tabela 4 mostra que (n=8, 100%), representando então que todos os que participaram da pesquisa, responderam ter conhecimento sobre educação especial ou educação física adaptada.

Tabela 4. Possui conhecimento sobre Educação Especial ou Educação Física Adaptada.

	f	%
Sim	8	100
Não	0	0
Total	8	100

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora com base nos resultados obtidos.

Como se pode verificar na tabela 5 sendo que (n=7, 87,5) afirmaram ter trabalhado com aluno portadores de necessidades especiais e apenas (n=1, 12,5%) representando apenas

1 dos 8 informantes, afirmou não ter. Segundo os PCN's (2001, p. 81) nas aulas de Educação física o professor deverá sempre contextualizar a prática, considerando as suas várias dimensões de aprendizagem.

Pode-se perceber que todos os profissionais possuem conhecimento quando se fala da educação especial nas aulas de Educação Física. Os PCN's (2001, p. 80) comenta que a presença da Educação Física no ensino tem sido vinculada a formação do homem integral, que ocorreria por meio de exercícios físicos e da disciplina do corpo.

Tabela 5. Possui algum aluno Portador de Deficiência em sua escola.

	f	%
Sim	7	87,5
Não	1	12,5
Total	8	100

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora com base nos resultados obtidos.

Na tabela 6 corresponde ao número de alunos PNE's que os professores possuem em suas escolas. (n= 4, 28,6%) de ordem física, (n=3, 21,4%) mental, (n=2, 14,3%) auditivo, (n=4, 28,6%) visual e (n=1, 7,1%) outras. É bom ressaltar que nesta questão o participante pode assinalar mais de uma das alternativas. Ainda no pensamento dos PCN's (2001, p. 82) um dos objetivos da educação é ajudar as crianças a conviverem em grupo de maneira produtiva, de modo cooperativo.

Tabela 6. Em caso afirmativo que tipo de deficiência.

	f	%
Física	4	28,6
Mental	3	21,4
Auditiva	2	14,3
Visual	4	28,6
Outras	1	7,1
Total	14	100

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora com base nos resultados obtidos.

Como se pode ver na tabela 7 acredita ter conhecimento para incluir PNE's em suas aulas representam (n=4, 50%) dos informantes sendo que (n=4, 50%) afirmaram não ter conhecimento suficiente. Segundo Machado (2009) alguns professores resistem às inovações e alegam estar despreparados para lidar com as diferenças. Inclusão, portanto não significa simplesmente matricular todos os educandos com necessidades educacionais especiais na classe comum ignorando suas necessidades especiais específicas, mas significa dar ao professor e as escolas o suporte necessário a sua ação pedagógica (Brasil, 2001, p. 40).

Tabela 7. Você acredita ter conhecimento suficiente para incluir um aluno Portador de Necessidades Especiais em suas aulas.

	f	%
Sim	4	50,0
Não	4	50,0
Total	8	100,0

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora com base nos resultados obtidos.

Na tabela 8 representando todos os informantes (n=8, 100%) e afirmaram que a participação dos PNE's nas aulas de educação física auxilia a inclusão do aluno na comunidade escolar. Segundo Soler (2009) A participação dos alunos portadores de necessidades especiais nas aulas de educação física os ajuda no desenvolvimento de suas capacidades perceptivas, afetivas, de integração, e da inclusão social, dessa forma ajudando e fornecendo a sua autonomia e principalmente a sua independência.

Tabela 8. Em sua opinião, a participação do aluno Portador de Deficiência nas aulas de Educação Física auxilia a inclusão do aluno na comunidade escolar.

	f	%
Sim	8	100,0
Não	0	0
Total	8	100,0

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora com base nos resultados obtidos.

Na tabela 9 sendo que (n=8, 100%) dos informantes acreditam que suas aulas contribuem para a inclusão social do aluno PNE's. segundo Soler (2009) a participação do aluno portador de necessidade especial na aula de educação física é muito importante para que ele desenvolva capacidades, como por exemplo, a de inclusão.

Tabela 9. As aulas de educação física contribuem para inclusão social do aluno PNE's?

	f	%
Sim	8	100,0
Não	0	0
Total	8	100,0

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora com base nos resultados obtidos.

6 CONCLUSÃO

Concluimos que os professores todos tiveram disciplinas voltadas para educação

especial e conhecimento na mesma, e que a maioria trabalhou com PNE's, podendo assim incluir em suas aulas de educação física, mas ressaltando que alguns não se sentem totalmente qualificados e ainda não acreditam ter conhecimento suficiente, todos acreditam que a Educação Física auxilia tanto na inclusão escolar como na inclusão social dos portadores de necessidades especiais.

Os alunos portadores de deficiência ou necessidades especiais estão inseridos no ensino regular. O conhecimento e a preparação dos professores de educação física se tornam um importante fator para a aprendizagem e inclusão social dos PNE's no ambiente escolar e social. É importante ressaltar que esse estudo tem como objetivo desacomodar profissionais para que estejam preparados para trabalhar com a inclusão e que busque novos conhecimentos.

Estudo também resalta reflexões sobre a pratica de ensino aprendizagem em uma visão inclusiva que busque atingir todos os alunos, cabendo ao professor repensar suas estratégias de ensino em busca de uma educação que atender a todos seja ele o portador de necessidade especial quanto ao aluno dito normal.

Quando houver uma situação efetiva na sociedade, e que não mais aconteça à separação: de um lado os mais fortes e do outro os mais fracos. Será preciso aprender com as diferenças, pois é isso que faz o ser humano ser maravilhoso. Sendo assim a autora dessa pesquisa acredita que, se nos professores não acreditarmos na inclusão e trabalhar para que ela aconteça estaremos assim negando o que mais acreditamos que e a educação para todos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: EDUCAÇÃO FÍSICA
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Secretaria da educação fundamental**. 3.ed. Brasília a secretaria 2001.

CRESPO, J. **As atividades corporais**: síntese histórica. Coleção desporto e sociedade M.E. C/D. G.D. Lisboa, 1987.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro**: teoria e pratica da educação física. São Paulo: Scipione, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

LUCA, Maria Inez Ocanã de. **Revista pedagógica: Pátio**, ano XII nº 45. Artmed Editora S.A. fevereiro/abril, 2008.

MACHADO, Rosângela. **Educação especial na escola inclusiva: políticas, paradigmas e práticas**. São Paulo: Cortez, 2009.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **Ensinando a turma toda**. Revista pedagógica: pátio. Porto Alegre, ano V, nº 20, p. 18-23. Fevereiro/abril 2002.

MAZZOTTA, Marcos José da Silveira. **Educação especial no Brasil: História e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 1998.

MITTLER, Peter. **Educação inclusiva: contextos sociais**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

ROSADAS, Sidney de Carvalho. **Atividade física adaptada e jogos esportivos para o deficiente**. Eu posso vocês duvidam? Rio de Janeiro: Atheneu, 1989.

SANTA CATARINA, SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. **Proposta curricular de Santa Catarina: educação infantil, ensino fundamental e médio: formação docente para a educação infantil e series inicial**. Florianópolis: COGEN, 1998.

SANTA CATARINA, SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. **Proposta curricular de Santa Catarina: educação infantil, ensino fundamental e médio: disciplinas curriculares**. Florianópolis: COGEN, 1998.

SILVA, Simone C.; ARANHA, Maria S. F. **interação entre professores e alunos em salas de aula com propostas pedagógicas de educação inclusiva**. Revista Brasileira de Educação Especial. Vol. 11ano. 3. Marília: 2005.

SOLER, Reinaldo. **Educação física inclusiva: em busca de uma escola plural**. 2.ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2009.

WERNER, D. **Guia de deficiências e reabilitação simplificada**. Brasília: coordenadoria nacional para integração da pessoa portadora de deficiência. GORDE, 1994.